

Sua ex. Antonio de tomar, como não tem que fazer, passa os dias a apanhar borboletas para o seu museu, e as noites a caçar pulgas, que em Thomar o querem parodiar, chupando-lhe o sangue, e com isto se entretêm, porque na verdade nada ha melhor para conservar a sua importante saúde.



a nossa caricatura d'hoje vem um erro essencial, e que é mister emendar já, e pedir desculpa a nossos leitores. — Queriamos dizer: = O

BURLESCO castigando a Nação de papel = e o letreiro diz = O BURLESCO castigando um burro. = Ora, de um burro para uma nação, vai uma diferença consideravel; porém vá ou não diferença, o BURLESCO castiga isso que fôr, pelo atrevimento de fallar n'elle.

Aparece ahi um papel, que vem da feira da ladra, que escoucinha por se elevar no Rocio uma estatua á memoria de DOM PEDRO, e entre dentadas na fava, e palha, diz que = se mente quando se faz correr a idéa de pertender reunir a familia portugueza!!!

A familia portugueza é muito grande, mas não póde contar no numero de seus parentes, engeitados que não aprendem lingua, e descendentes da *Besta Esfollada*, que receitava a seus irmãos medicamentos d'esta natureza, fallando dos malhados = «Acaba um de pernear? Em baixo: este em baixo, outro em cima! E isto agora nos dias de Maio, que dão para tudo! «Oh, que saffra! Deus a tragá. Já que o anno ameaça escacez, dê-se ao povo um alegrão diario com carne fresca!»

Estes são os conselhos que o servo de Deos, o muito reverendo padre José Agostinho de Macedo, um dos amantes e apologistas do throno, e ministro do altar, dava ao publico nesse tempo tão illustrado e moral, com licença da mesa do desembargo do paço!

Eis aqui a verdadeira e bem descripta moral de BURRO, e veremos se amanhã nos dizem ser isto uma cillada ou trama, armada á innocencia do campo de Santa-Anna. Se no-lo disserem, arrumamos-lhe nos fo-

cinhos com a *Besta Esfollada* n.º 12, de 23 de Abril de 1829, e veremos então se nos mostram pelo dente, quantos annos teem.

Isto não é inventado, está em letra tão redonda como os pés dos seus amadores.

A *Besta Esfollada* de 1829 não queria que a força folgasse em seringar pelo pescoço os seus irmãos, e as bestas que ainda hoje não estão esfolladas querem pertencer á familia dos enforcados; mas nós que escapámos, não queremos taes parentes, não os podemos aturar, não nos convém a sua amizade, passamos bellamente sem elles, e a sua companhia é-nos prejudicial, por que teem o costume de comerem a palha, e coucearem os que lh'a deram, e de zurrarem a quem lhes tira a cabeçada, alivia a barbella e a albarda.

A *Besta Esfollada*, onde em cada linha se leem as palavras — força — cacete — bordoadas — cães — malhados, etc. etc., era a moral que tinhamos «antes que a civilisação abicasse as praias do Mindello!!» Aquella civilisação, que deu falla a burros, liberdade a asnos, mas de que elles só aproveitaram a concepção, e usaram como conta De La Fontaine na sua fabula — A serpente e o aldeão — cujo theor é pouco, mais, ou menos o seguinte:

Diz Esopo, que um bom saloio Caritativo, mas imprudente Passeando em dia frio Encontrou uma serpente.

Estendida sobre a neve Stava quasi a defnhar Enterissada, meia morta Proxima a espichar!

Se acaso algum burro Desta sorte a encontrasse Talvez um par de couces Logo lhe applicasse.

Mas o pobre aldeão Por natureza liberal, Quiz traze-la para casa Para lhe remediar seu mal.

No lar da chaminé, Ao calor que ainda tinha Depositou a bicha má Para vêr se á vida vinha.

Dá signaes de reviver Animada do calor. Abre os olhos, e se enrosca Para vêr seu bemfeitor.

Assobia, dá um salto, Contra o seu bemfeitor Esquecendo em um instante Que era seu salvador!!

E' assim que tu me pagas? (Diz o saloio irritado?) E procurando achou n'um canto Um bem afiado machado.

Zas, zas, e de dois cortes Logo tres postas fez, E a ingrata ficou prompta, E curada de uma vez.

E' boa a caridade, Mas com quem? E' a questão Para brutos e ingratos Sempre seringaço.

Liberdade para burros, Deitar agua no mar, E peugas para gallegos Não se póde combinar.

Não lhes applicamos a ante-penultima quadra, porque realmente não lha desejamos, como no-la desejariam se se dirigissem a nós, é simplesmente dizer a opinião de De La Fontaine. Finalmente a nós não nos convem de maneira alguma termos polemica com os do astro, porque o partido é desigual, e da nossa parte inferior, confessa-mo-lo francamente. Nós apenas temos meia folha de papel; de um lado collocam-se os monos, e do outro a leitura; e elles além de terem um papel de grande formato, podem alguma vez, quando menos o pensarmos, fazerem-nos saltar pelo pescoço fóra, e darmos com os ossos na calçada d'Almada ou de Carriche, e muito mais se estiverem combinados com os burriqueiros; e como nós os não conhecemos, estamos sempre em grande perigo: E' o motivo.

Pedimos ao Rebellino, Mendes, etc., etc., desculpa de não dançarmos hoje o fandango com elles, por estarmos já compromettidos com o campo de Santa-Anna, mas fiquem certos de que nos não esqueceremos de SS. EE.

NOTICIAS DE GUIMARÃES.



inhem chegado áquelle cidade os cães e macacos sabios. Mr. Delafiora já tinha dado algumas representações. O publico mostrava-se ressentido, por mr. Delafiora não ter levado de Lisboa em sua companhia o mono Simão; porém constava á sahida do correio, que mr. Delafiora escrevêra ao Rebellino a pedir-lhe que lh'o mandasse, a fim de satisfazer os desejos do publico, e completar a sua galeria de monos.



